

# O LIBERAL.

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—Gaspar Augusto d'Oliveira Faria Basto.

PUBLICA-SE A'S QUINTAS FEIRAS.

NUMERO 4.

Assignatura para Braga, anno.....1/600 rs.  
“ “ as provincias.....1/840 rs.  
Escritorio da redacção rua Nova, n.º 45,  
onde se recebem todos os annuncios e corre-  
spondencias.

QUINTA FEIRA 3 DE OUTUBRO.

Annuncios e comunicados, por linha. . . 20 rs.  
Repetições ——— 10 “  
Folha avulso.....50 “  
Publicações litterarias 2 exemplares.  
Assignaturas pagas adiantadas.

ANNO, 1872

## OS JESUITAS.

A antiga e nobillissima capital dos reis Suevos vae, brevemente, segundo é fama, abrir as suas venerandas portas aos membros illustrados que teem por fundador Ignacio de Loyola.

Braga, que tem vivido sempre sumida na mais objecta e profunda treva; Braga, que, apesar de innumeros missionarios terem, por diversas vezes, visitado o seu recinto, não quer, por modo algum, abrir os olhos á luz radiosa das doutrinas que por ahí se prégam constantemente nas columnas auricómadadas do *Futuro*; Braga, enfim, que, de reaccionaria que era, tenta agora sahir do caminho da verdade, vae aureolar-se de jubilo, de prazer e fé; porque os irmãos da sotaina, os jesuitas, vão, á laia de Ferrabraz ou Rolando, fazer a sua entrada triumphal n'esta terra entre as aclamações ruidosas do povo bracarense, sempre propenso ao culto das coisas santas.

E pode acreditar a briosa população d'esta cidade, que do perfume,

que derrama a sotaina jesuitica, só lhe pode vir bem e não mal.

Que importa digam por ahí que os jesuitas são pedantes como Nonotte e insolentes como Patouillet?

Que importa se proclame, por toda a parte, que os filhos de Loyola quizeram dar um golpe radical na Philosophia Moral, que é a directora dos pensamentos?

Que importa fallem e praguejem, dizendo que estes santos varões tentaram perverter toda a Moral Christãa, como prova Luiz Vives no seu livro VI de *Philosophia Morali corrupta*, e como também affirmam Bruckero, Budaeo, Puffendorf, Heuman e tantos outros?

Que importa que apontem como base d'esta divina sociedade o orgulho, como provam os escriptos grosseiros e malcreados dos seus membros, quando faziam as suas defezas, e como também parece confirmar: a brutalidade de Croust, a prepotencia de Vadblé e o despotismo de Le Tellier?

Todas estas accusações, e muitis-

simas, outras que um dia apontaremos, são, na nossa humilde opinião, coisinhas frivolas, contos de fadas ou lendas druidicas contadas ao clarão da pyra fumegante com todos os seus horrores e aparições phantasticas.

Por fallarmos em aparições: diz-se que os jesuitas foram fortissimos useiros e veseiros n'estes assumptos arrepiadores. Vamos, para corroborar esta asserção, apontar um facto contado pelo principe de Saxe, Augusto II:

O archiduque (José I, imperador da Austria) e eu eramos apaixonados não só pela caça, mas também por diversos exercicios do corpo; e foi este gosto mutuo, que nos tornou inseparaveis. Havia já muito tempo que viviamos na mais estreita amizade, quando, um dia, percebi que o archiduque mostrava para comigo uma estranha frieza. Bastante impressionado por tão repentina mudança instei com elle para que me expozesse os motivos de semelhante proceder. O archiduque resistio por

muito tempo ao meu naturalissimo pedido, até que um dia resolveu responder-me:

Se assim procedo é porque o céo ordena que nos separemos: a religião que professaes é, por sem duvida, a causa (o principe era protestante). Ha já muitas noites que um enviado do meu Deus, vindo do Impyreo, manda que eu me separe de vós. Ao principio julguei ser isto uma bella phantasia, creada por alguma preocupação de espirito, ou effeito de algum sonho; hoje, porém, é-me impossivel duvidar da veracidade do facto.

Surprehendido, por tão misteriosa revelação, respondi-lhe:

Pois bem, que a vontade do céo se cumpra visto assim o exigir; mas, para que não possamos jamais accusar-mo-nos, haveis de permittir que eu me convença vendo o tal enviado do céo.

Como o archiduque consentisse, dirigi-me com elle para o logar da aparição e esperamos. Effectivamente o anjo foi punctual; mas lançou

## FOLHETIM

### ESPURIOS.

Ao seu amigo Paes Villas-boas.

C. VIANNA.

(Continuado do n.º 1).

I.

Pois bem, fallemos do louco.

Louco? replicou Jorge, louco? oh! não chames assim ao colosso venerando que remio, com a magestade das ideias grandiosas, o mundo dos despotas, dos fanaticos; não chames assim ao Pericles do seculo maravilhoso, que, em meio dos seus enormes triumphos, não temia comparar-se com o philosopho por excellencia, com o inventor d'essa linda utopia chamada — Christianismo.

Castanheda ouvindo estas palavras, frias como um sorriso ironico que brinca nos labios de um cadaver, olhou para o seu amigo com tristeza e, tentando mudar de assumpto, perguntou:

E que me dizes dos supplicios de Maria Antoinette, de Luiz XVI e da princeza Isabel?

Maria Antoinette mereceu a morte, Luiz Capeto era inimigo do povo, por consequencia... Isabel essa... —

Emmudeceste, Jorge? —

O sceptico levou o lenço aos labios, e, mostrando-o tinto de sangue, respondeu:

Não, não emmudeci: gargalhei interiormente, e cancei-me, como vês.

O alma emmoldurada em avalanchas de gelo, pois tu não sentes confranger-se-te o coração, quando julgas ver, nas horas longas do teu

seismar, caminhar para a guilhotina aquella mulher de madeixa loura voltando, ás vezes, o olhar amorteido para o Templo, onde lhe ficam, na orphandade, as suas suavissimas esperanças, os seus doces filhos? O, Jorge, não te deslisou uma lagrima, uma só que fosse, ao recordares aquella mãe extremosa dizendo o ultimo adeus ao mundo, ao mundo que lhe rouba seus filhos?

E Isabel, aquella alma pura como o sol, aquella santa tão linda e tão sem medo? Oh! que se a revolução podesse absolver-se dos seus infames crimes, d'este nunca se absolveria, nunca.

Jorge, com a cabeça apoiada nos cotovellos, permaneceu silencioso por alguns momentos, como que entregue a um pensamento doloroso; depois ergueu a fronte, e, soltando uma gargalhada sêcca e prolongada, exclamou:

E' bello, magnifico, adoravel o que diz esta creança! Tu, devasso como um jesuita, tu tão sensivel, tão mulheril?

Como deve de estar triste o bom do Mephistopheles? Como o Olympo, illuminado por um olhar de Jupiter Tonante, deve de exultar! Ora tu, Castanheda, tu... —

Sou devasso, Jorge, é verdade; os horisontes da libertinagem deslumbraram a minha cabeça, que ardia em fogo, volupias ignotas tiveram o condão de seduzir-me; mas não julgues que tudo me abandonou, não me imagines completamente depravado: alguma cousa ha em mim de bom. O' se tu souberas a lenda mysteriosa da minha vida, se advinhâras como é profundissima a chaga que me putrefica o coração, se imaginâras o fogo que me carbonisa lentamente o

craneo, se isto souberas... E Castanheda, deixando-se cair sobre uma poltrona, penultimo refugio dos corpos cansados, affastou da fronte o cabello morno de suor, e abafou um suspiro.

Era bello agora este rapaz: mais funda se lhe cavára no rosto a pallidez, mais brilho havia nos seus olhos.

Jorge ergueu-se, dirigiu-se ao amigo: Desconheço-te Castanheda... diz-me: que ha na tua vida? —

E' a minha historia que queres saber? —

Temos uma historia? Pois bem, appareça a doce velhinha animada por um velho romanticismo.

Castanheda passou a mão pela testa como que para affastar recordações tenebrosas, deu ao rosto um certo ar jovial, puxou do relógio e mostrando-o a Jorge:

Vê, são 9 horas. —

Quer isso dizer? —

Que a *jurema* sagrada nos chama. — Então á orgia? —

E os dous amigos sahiram pelo braço um do outro.

II.

O meu honrado leitor fica-se ahí, mudo e inquieto, á porta? Porque? Causa-lhe nojo o aspecto d'esta mansarda? Conserva ainda um pouco de pejo? Se assim é, retire-se, e deixe entrar aquella face pallida que de aquí contemplo. Pode entrar amigo; mas não esqueça jamais aquelle verso do Dante:

*Lasciate ogni speranza o voi che entrate...*

Serve-lhe?... N'esse caso entre.

Está admirado senhor pullido? Não gosta d'aquelle rancho de jovens ma-

chos e fameas, que se riem perdidamente? Escutemos:

O' Georgeta, gritou um moço imberbe, vê tu que delirio... Hontem, rapariga, enebriaste-me a ponto de aqueceres esta viscera da circulação, que dormita em leito de gelo... Hontem deixas-te-me entrever, em meio das tuas doces volupias, a imagem triste e pensadora de Petrarcha!...

Quem falla ahí n'esse doido, companheiro intimo da Fonte de Vaucluse?

Doido? vociferou um joven ancião, doido é... e, voltando as costas a uma grande mesa pespontada de garrafas, assobou uma aria italiana em quanto, com a ponta do dedo, minimo, mexia n'um seio branco e transparente.

O' Julio, estás hoje dispoto a ouvir o trino dulcissimo da tua philomela?

Que estulta pergunta, Georgeta! Pois acaso ignoras...

Então a Georgeta vae cantar? perguntou um coro de vozes.

Vou, sim, vou elevar-me por instantes ao mundo dos mysterios, invocando os manes das Phryneas e das Cleopatras.

Bello, e maravilhoso! murmurou um rapaz moreno como o sol em dia de eclipse. Bello, maravilhoso, repito ainda. Invoca os teus manes Georgeta... eu depois invocarei também D. Juan e Child Harold.

E Georgeta, voltando os olhos azues para Julio, esperou.

Julio aproximou-se d'ella; e Georgeta encostando a face ao hombro d'elle, preparou-se para gorgear.

N'este momento a porta da mansarda abriu-se, e Jorge e Castanheda entraram.

(Continúa.)



do-me subitamente sobre elle agarrei-o e, mettendo-o n'uma janella de saccada, gritei-lhe, com toda a força dos meus pulmões; se tens azas, vóa, quero vêr isso!»

Eis a narração do príncipe; agora basta accrescentar, que no dia seguinte foi encontrado, por baixo da janella, o cadaver espedaçado de um jesuita.

E que tal? Que dizem a isto? Oh!.. nada mais natural... quem sabe mesmo se o jesuita viria do céu, como elle affirmava?

Não diz Platão que Érus appareceu aos seus amigos, depois de morto?

Plínio não contou que Gabinius voltou do outro mundo para conversar com Pompeu?

Plutarcho não teve o gosto de fallar com Énarque, que já tinha descido á paz dos tumulos ha muito tempo?

O poeta Publius, tendo sido completamente devorado por um lobo, não appareceu, mais tarde, em Roma, predizendo a sua queda?

Já veem, pois, que o drama em que figurou o jesuita, foi natural, naturalissimo. Que elle não foi original, isso sabemos nós; mas natural? não podia ser mais.

Seja, pois, bem vinda essa cohorte seraphica, tão linda e tão sem medo, tão risonha e esperançosa.

O programma do collegio já nós tivemos a suprema ventura de analisar; e, franqueza franqueza, aquillo promette muito...

### Os parochos d'esta cidade e a epidemia das bexigas.

Recordamo-nos de ter lido no *Bracarense*, que alguns parochos d'esta terra se haviam portado negligentemente na execução do plano adoptado pelo digno Provedor do hospital de accordo com os dignos facultativos d'esta cidade, afim de se prestar os indispensaveis socorros á classe pobre atacada do terrivel flagello da variola.

Ao passo que o *Bracarense* invectivava o proceder d'esses parochos, não se esquecia de fazer justiça devida, não comprehendendo n'essa censura, o snr. abba de S. Lazaro, antes pelo contrario o elogiava: com effeito, este fôra o unico que comprehendera a sua nobilissima missão, não se poupando a trabalhos, havendo-se com a dedicação e zelo que as circumstancias exigiam.

A nós não nos surpreendeu o proceder d'esses parochos, pois já estamos habituados a presenciar scenas identicas ás que o *Bracarense* relata; já conhecemos a *muita caridade* da mór parte dos nossos parochos.

Foram elles que envidaram todos os esforços para que o nosso cemiterio não tivesse um capellão!!!

Em todas as terras do reino, onde ha cemiterio, ahí se encontra um capellão, e só em Braga, na terra que se diz a — Roma Portugueza — na terra de tanta religião, é que se vê um cemiterio sem capellão!

« Não é necessario capellão, disseram os parochos, porque nós desejamos e queremos acompanhar os nossos freguezes até á sua ultima morada».

E os pobres?

« Ora essa, pois não são todos nossos freguezes, pobres ou ricos? Acaso julgaes que é apenas o interesse que nos leva ao cemiterio? Não somos nós homens de abnegação, de caridade, completamente desprendidos de toda a ambição terrena? Os pobres acompanhamol-os gratuitamente, essa obrigação é-nos imposta por justiça e caridade».

E o povo ignorante acreditou tudo

isto, e o municipio que favorecia o povo, principalmente a classe pobre, entendeu e entendeu bem que o capellão não era necessario, e portanto eliminou o logar de capellão, porque — *Nisi utile est quod facimus stulta est gloria.*—

Desde esse momento ficou a cargo dos parochos o serviço religioso do cemiterio, incumbindo apenas ao municipio o serviço profano do mesmo.

Mas, oh horrivel decepção! Não foi preciso decorrer muito tempo, para que os factos viessem provar a *caridade, o desinteresse e a religiosidade* da maioria dos parochos.

O parochos de S. João que quer acompanhar os ricos fallecidos no hospital, por este se achar dentro dos limites da sua freguezia, declarou logo que não acompanhava os pobres ahí fallecidos, por não ter obrigação!!

E o snr. arcebispo consentiu n'isso, e o digno Provedor, para que os desgraçados fallecidos no hospital, não fossem sepultados como cães, deliberou que um padre pago á custa do hospital, fosse ao cemiterio encomendar os cadaveres d'alli procedentes.

Não poupava o hospital, um dos menos abastados do nosso paiz, essa despeza no tempo em que no cemiterio havia capellão?

O unico dos parochos que merece todos os elogios, é o parochos de S. Thiago, porque não só se sujeitou a responsos todos os seus freguezes pobres, mas sim todos os expostos, visto o hospicio pertencer á sua freguezia. Este podia argumentar com o parochos de S. João, allegando que era este um costume novo, e que o uso estabelecido até então, era o capellão da Misericórdia responsos os expostos. Não procedeu assim, porque comprehendeu as suas obrigações, e não nos consta que até hoje, se tenha tornado digno de censura.

E o proceder dos outros parochos? Oh santo Deus! Consta-nos de boa fonte, que se tem enterrado muitos cadaveres sem responso, todas as vezes que não apparece a miseravel placa exigida pelos *caritativos* parochos.

Poucos tempos depois que sahio o capellão, assistimos a um enterramento d'um menor, effectuado um responso, porque era pobre, já se entende. Pertencia o menor á freguezia de S. Victor, cujo parochos, segundo nos consta, é um dos mais *desinteressados*, e por consequencia um dos que mais faltas tem commetido com relação a enterramento de pobres.

Estranhando nós e lamentando do fundo d'alma, que um parochos tanto descurasse os seus deveres, disse-nos um dos coveiros, que não estranhásemos, porque mesmo no tempo em que se enterrava nas egrejas, elle coveiro enterrara muitos menores em S. Victor, dos que são conduzidos em taboleiro, sem responso algum.

Tal é a religião da maioria dos nossos padres e parochos: é a religião do interesse e do dinheiro.

E' assim que este parochos *modelo* comprehende a sua missão, é assim que elle edifica os seus freguezes, com estes exemplos e outros ainda mais aviltantes que por conveniencia aqui calámos.

Além d'estas boas qualidades que tanto *adornam* este revd.<sup>o</sup> parochos, uma outra concorre na pessoa de s. s.<sup>a</sup> para rematar a obra, e constituir o *pastor bonus* do Evangelho.

Queremos fallar da sua *brandura, affabilidade e mansidão*.

Não é necessario que alguém o offenda no seu *melindre*, basta que elle imagine que alguém não sabe medir distancias, que alguém não treme diante d'elle, e eil-o já a respirar vinganças, odios e traições.

E' um *digno* ministro de Christo, e um *excellente* cura d'almas, não ha duvida.

A respeito d'este parochos contaram-nos um facto, que, sendo reprehensivel em um secular, praticado por um padre e parochos, revela grande malvadez e cynismo.

Foi o caso que encarregando-se os parochos do serviço religioso, principiaram alguns a commetter faltas; ao guarda-mór que então estava no cemiterio foi passada ordem terminante de officiar á camara, todas as vezes que qualquer parochos não apparecesse para responsos os fallecidos pobres. Repetindo-se as faltas d'alguns parochos, chegou á presença do digno Prelado uma queixa contra os parochos dirigida pela camara; este envia uma circular a todos os parochos queixando-se amargamente do proceder d'elles em geral, sendo por consequencia admoestado tambem o parochos de S. Victor, que faltas tinha como quasi todos os outros.

Desconfiou o nosso heroe, que aquella reprehensão fosse motivada por algum officio pelo guarda-mór dirigido á camara, e por consequencia jurou logo vingança.

O malvado aproveitando-se de primeira occasião, sabe que o guarda-mór consentira que se effectuasse o enterramento d'um homem, cujo fallecimento tinha completado mais de 24 horas, com a condição de ao outro dia lhe ser entregue o bilhete de enterramento, o qual despoticamente estava retido nas mãos do parochos, por causas de dinheiro, já se sabe, e isto apesar de estar convidado grande numero de irmandades, para a hora aprasada, não podendo, por consequencia, adiar-se o enterramento sem grande desarranjo, e até sem grande escandalo, promovido pelo parochos.

Era chegada a occasião da vingança: entre elle e o regedor, tomando por base este facto, o mais insignificante d'este mundo, é forjada uma accusação contra o guarda-mór que abrangia 5 folhas de papel!!!!

Isto é repugnante e infame até ao ultimo ponto!

Agrada-vos este cura d'almas, habitantes da freguezia de S. Victor? Consta-nos que o vosso descontentamento é geral.

Estas considerações que fizemos ao correr da pena, vieram a proposito do que lemos no *Bracarense* attinente ao proceder do parochos na presente conjunctura, repetindo que tal leitura nos não fez moza, em vista do que já sabiamos e ahí fica relatado.

### O DOUTOR DAS NOVIDADES.

Este doutor das *Novidades* ha-de morrer em meio de horrendos disparates, e, o que é mais, sem jubilar-se.

N'um dos numeros do seu semi-periodico escreve o celeberrimo doutor: *quem diz liberal, diz conspirador*.

Mas perdão... á primeira vista quem lêr estas palavras ha-de julgar que effectivamente o doutor não diz asneira; porque acreditará que a palavra *conspiração* tem para elle, o sabio por excellencia, (Puff!) uma significação druidica; quem attentar, porém, em tudo que tem escripto o bom doutor acaba por convencer-se de que alli, n'aquellas cinco palavras, (juntando a do Porto, temos dous trinos) ha muito veneno.

Mas deixemos a mysteriosa ideia que encerra, para o doutor, a tal palavra e vejamos o que quer o doido.

*Quem diz liberal, diz conspirador!* ó doutor isto é forte, mephistophelicamente forte!

Conspirador, segundo a linguagem do doutor, foi Christo quando trou-

xe a luz resplendente da liberdade ao povo judaico, que vivia sob o dominio dos despotas; conspirador foi Franklin quando arrancou á natureza a mysteriosa electricidade; conspirador foi Newton quando roubou e descobriu segredos ignotos; conspirador foi Archimedes quando descobriu o espelho incendiario; conspirador foi Washington quando combateu, franca e desassombadamente, contra a Inglaterra; conspirador foi o povo francez quando, nos fins do seculo preterito, revindicou os seus direitos soberanos calcando aos pés a tyrannia feudal; conspirador foi o heroico e vallente Prim quando libertou, do jugo despotico de uma côrte dissoluta, o brioso povo hespanhol; conspirador, emfim, foi o snr. D. Pedro quando, correndo de um a outro hemispherio, animado pelo passado glorioso e fulgentissimo de um povo que para elle estendia os enfraquecidos braços, quando, repetimos, accudio pressuroso ao reclamo de um povo oppresso, de um povo que gemia entregue á mais vil, mais estúpida, mais infame tyrannia!

Agora, espiritos pacatos, patriotas, amigos da paz emfim: Satanaz chamando á guerra nas planicies do céu as suas innumeradas legiões de anjos; Innocencio III creando a Inquisição; Sisto IV proclamando, aos quatro ventos do universo, a independencia dos santos inquisidores; Alexandre VI engolphando-se, com seu mimoso filho — Cesar Borgia —, n'um mar de impiedades e volupias; Sisto V quando mandava destruir as bellezas da antiguidade, ou matar a torto e a direito, a ponto de se encher de contentamento ao noticia-rem-lhe o envenenamento d'uns pobres miseraveis — *Ragguagliato Sisto no prese gran contente* — *Memorie del Pontificato di Sisto V*; o conde de Bastos quando ordenou tolices sanguinarias; o Agostinho de Macedo prégando vilmente contra os enca-deados liberaes; o snr. D. Miguel, emfim, apossando-se, illicita e vergonhosamente, de aquillo que lhe não pertencia!

Ora estes ultimos, não ha duvida nenhuma, não se affastaram um millimetro do bom caminho; agora os outros... são conspiradores, tratantes, ladrões e tudo o que o doutor quizer.

Ora, aqui para nós que ninguem nos ouve, sabe quem conspira doutor?

O governo que consente que o collega e demais correligionarios venham, á luz esplendorosa do sol, insultar o rei e o povo; o governo que, em vez de lhe mandar cortar a lingua, como aos Judeus se cortava o prepucio, deixa o nosso estimavel doutor escrever tudo que lhe suggerir o cerebro agitado por mil contumancias; o governo sim, pode crel-o.

### OS MILAGRES DA INQUISIÇÃO.

Citar os nomes d'um Torquemada, d'um Deza, d'um Adriano Florencio, d'um Maurique, d'um Loaisa ou dizer que, durante o reinado de cinco infamissimos inquisidores, a patria heroica e formissima do Cid viu, em meio da sua inquisição, queimar, como se fossem papeis inuteis, dezoito mil e dous martyres, vem a ser a mesmissima cousa.

Estes frades dominicanos, estúpidos e crueis, estes abominaveis monstros que, para edificação do Christianismo e propagação da fé catholica, immolavam, com heroico indifferentismo, milhares de victimas, tambem tinham, e nada mais natural, egrejas suas onde os santos e as santas dos altares faziam milagres a capricho.



Como prova do que avançamos apontamos algumas ratices d'estes perseguidores do pensamento, d'estes despotas encapotados, que, confiados no poder igneo dos *autos de fé*, ousavam encarcerar a intelligência humana, e dizer-lhe; não irás mais longe!

Havia em uma igreja uma santa Magdalena, que, nos dias da sua festa, vertia abundantissimo pranto; e o povo, credulo, vendo tão prodigioso milagre, erguia os olhos para a patria celeste e murmurava: ai, nossos peccados, nossos peccados!

Um dia, por arte do negro démo, soube-se que a imagem da peccadora arrependida era oca, de louça vidrada, e continha um esquentador sobre o qual, depois do fogo accendido, se collocava um aparelho identico a um alambique. A abertura d'este aparelho terminava na cabeça da santa onde se achava uma esponja . . . . .

Todos sabem que o calorico ou seu filho o calor reduz a agua a vapores e que estes, depois de condensados, se resolvem ou, melhor ainda, voltam ao primitivo estado: pois bem, era em virtude d'este facilissimo processo que a santa chorava: porque os vapores, condensando-se na cabeça, seguiam por dous pequenos tubos e hiam cahir, já resolvidos em agua, por sobre uma esponja collocada atraz dos olhos, os quaes tinham na parte inferior pequenos furiuhos.

Já se vê, pois, que era a esponja que chorava e não a santa.

N'esta mesma igreja existia um Christo, que na semana santa se via obrigado a chorar superabundantemente.

A imagem do Christo, encostada a um muro, detraz do qual florescia uma parreira, era a machina brincalhona dos taes bonzos.

Ninguém ignora que a vinha destilla agua na primavera, e não ignorando este facto todos agora pôdem já saber o modo como vertia lagrimas a imagem do Christo. Dous braços de videira, recentemente cortados, hiam tocar aos dous angulos interiores dos olhos do Christo e produziam aquellas milagrosas lagrimas que o povo, fanatizado, recolhia com grande veneração, julgando talvez que os *autos de fé*, infames como os inquisidores, poderiam apagar-se com sumo de vide!

O mundo pagão podia orgulhar-se d'estes sacerdotes de milagres, se tivera conhecido estes brinquedos estupidos.

A estatua de Jupiter Ammon, franzindo as sobraucelhas e gritando surdamente, vale bem as lagrimas de Magdalena.

A predição do oraculo de Trophimus, feita a Philippe da Macedonia, vale mais do que as lagrimas da parreira que sacerdotes sacrilegos encaixaram na cabeça de Christo.

O oraculo da Beocia recebendo os seus adoradores cegos, ao som pavoroso dos trovões, ou fuzilar de raios, podia equiparar-se ao purgatorio de S. Patricio.

A respeito, pois, de milagres feitos, segundo a poderosa e magestática vontade dos antigos sacerdotes catholicos, podemos dizer que têm uns taes ou quaes perfumesinhos do paganismo.

Os sacerdotes pagãos, possuidores de sciencias, de tudo, emfim, que podia esclarecer a profundissima treva, que atormentava a mente popular, trabalhavam unica e exclusivamente para conservarem o povo nos braços da estupidez; os inquisidores e quejandos, temendo que o derramamento da instrução abrisse os olhos aos que não viam, tratavam tambem de fazer monopolio absoluto de tudo, excepto do fanatismo, genero este que elles concediam, em grande parte, ás outras classes.

Vê-se claramente que uns e outros

eram dignos de se comprehenderem, e de se estimarem.

É por gente d'esta laia que suspira um *Futuro*, papelucho velhaco e malcriado como qualquer gallego da sardinha!...

É por estes monstrosinhos que os inimigos da actual dynastia, calumniadores infames e covardes, suspiram ha trinta e tantos annos!..

Se a santa Inquisição voltasse, não seria mau que o mundo dos carolas propozesse para inquisidor mór — o Maroco do *Futuro*, ou o doutor das *Novidades*.

**PENA DE MORTE NA LEGISLAÇÃO MILITAR.**

(Continuado do n.º 3.)

I.

1.ª « O rei, quando perdôa, não perdôa, absolve: quando commuta a pena, muito menos: julga de novo e reforma a sentença. O «poder moderador» não é o individuo, é a magistratura, o grande juiz que, com outros grandes juizes (o conselho de estado), e tendo o processo á vista, contempla, reconsidera e aquilata em seu levantado espirito e serenissima consciencia a natureza intima e as *circumstancias* minimas do crime e o *procedimento* e a educação e as *qualidades* e facultades affectivas e as constitucionaes do condemnado, em summa, todos esses *imponderaveis*, como lhes chamou Victor Hugo, cujo peso não accusam as balanças ordinarias da Justiça, e que com tudo influem sensivelmente na gradação das responsabilidades criminaes».

2.ª A pena de morte não está consagrada na legislação militar como a necessidade *ideal e absoluta*, nem como o supremo sacrificio de reconciliação entre o direito e a força e a mais alta affirmacão da superioridade do Estado sobre o individuo conforme vós imaginaes. Está ali, porque está... como um *phenomeno*, uma contingencia *indispensavel* da organização disciplinar do exercito. Tanto assim, que ha muitos annos se não executa, achando-se até abolida na legislação civil, sem que por isso o direito tenha deixado de viver em paz com a força, e sem que por isso tambem o Estado tenha deixado de se afirmar a paizanos e soldados tão imponentemente, como d'antes».

Eis-aqui, em primeiro lugar, uma argumentação vaga, obscura, que parece ao mesmo tempo cortar as difficuldades com o gume penetrante de um dictame legal — o do art. 1201 da Novissima Reforma Judiciaria.

Depois vem outra argumentação na essencia frivola, mas com seus visos de sensata e positiva e não sei se espirituosa tambem; qualidade esta que lhe redundaria em proveito sendo moda substituir-se o *espirito* á reflexão no exame dos mais intrincados problemas sociaes.

Fingindo condescender com essas theses varias, que eu atacaria resolutamente se estivesse escrevendo um tratado de direito politico ou criminal, passo a ensaiar-as a ambas com a mesma pedra de toque — a seguinte hypothese:

Um militar, que não confirmo ser o soldado Barnabé Nunes, commetteu o crime de assassinio do seu camarada, do seu superior, com preceendencia, acompanhamento e sequito de todas as *circumstancias* aggravantes, horrorosas — premeditação, aleivosia, cynismo; de mais a mais por uma causa futilissima, incapaz de produzir em qualquer natureza mesquinhamente moral mais que passageiro aborrecimento; emfim, um crime

que, quando bem se repara, nos congela no fundo d'alma os mais derretidos affectos de amor, piedade e misericordia para com o criminoso, e para o qual a consciencia e a razão de todos estão dictando a pena *ultima* como um imperativo categorico, segundo a bella expressão de Kant.

Ha de então o rei perdoar, commutar a pena?

— Sim, em todo o caso. Bradam os abolicionistas avançados da pena de morte,

— Não, respondem os reaccionarios declarados e os abolicionistas timidos, defensores do *statu quo* da legislação positiva, os que querem a pena de morte abolida para os crimes civis, e conservada para os crimes militares.

Estremados assim os bandos, posso conversar a sangue frio com uns e com outros.

R. C.

(Continúa).

**CORRESPONDENCIA**

Povoa de Varzim, 29 de Setembro de 1871.

Os banhistas principiam a retirar-se para as suas terras, e a Povoa vae perdendo, pouco a pouco, aquella animação que lhe insufflava vigorosa vida; ha, todavia, fundada esperanza de que, nos primeiros dias d'outubro, como é de costume, nova invasão de amantes d'Amphitrite venham reanimal-a.

Apezar do pallido sobrececho do dia de hoje, a Povoa levantou-se, ao som festivos dos sinos, da atrophia em que insensivelmente se vae amolecendo. Sahia da igreja da Senhora da Lapa uma procissão, com dous andores e pallio, grande numero de anjinhos, formosos como uma *faneca*, tambores e musica.

A procissão percorreu diversas ruas da villa, que estavam embandeiradas e adornadas de senhoras nas janelas. Depois do transito, recolheu á mesma igreja, garridamente armada.

As noites passam-se soffriavelmente no *Luso*, aonde se congregam muitas damas, algumas d'ellas formosas e elegantemente vestidas. E' de vêr o desenvolvimento e despalante com que ellas se sentam ás mesas, fallam, tomam chá ou café temperado com bebida alcoolica, lêem periodicos, attentam no jogo do bilhar e se riem das carambolas e dos trejeitos dos jogadores ao manojarem e empellirem o taco! Ha d'entre ellas algumas que desejariam jogar uma partida!!! Progresso!..

Nos demais botequins a animação é menos viva e alegre.

Vêem fugindo de Villa do Conde, á monotonia que n'ella predomina, quasi toda a rapasiada e algumas familias, para gosarem um pouco das diversões d'esta terra. Villa do Conde parece um grande cenobio aonde constantemente se vive em apathia ou oração mental!

Nada mais ha por aqui digno de mencionar-se, porisso ponho ponto á minha correspondencia, dizendo-lhes adeus até á semana.

H.

**DECLARAÇÃO.**

Constando-me que alguém diz que faço parte da empresa do jornal — *O Liberal* — que se publica n'esta cidade, declaro por interesse proprio, que nada tenho com a redacção nem com a administração do referido jornal, e bem

assim que nenhum dos artigos n'elle publicados são escriptos por mim.

Braga, 2 de Outubro de 1872.

Alberto Estanislau.

Recebemos a declaração do illustradissimo e ill.<sup>mo</sup> snr, Alberto Estanislau e publicando-a sem commentario algum seria, na verdade, passarmos por mentirosos, coisa que, sobre modo, nos repugna.

Tenha s. s.<sup>a</sup> paciencia: um artigo publicado nas *Variedades do Liberal*, com a epigraphe — *Ultimo acto*, — sem discutirmos se sim ou não honra o seu auctor, pertence ao ill.<sup>mo</sup> snr. Alberto Estanislau.

A' excepção, pois, do tal artigos nada mais se honra com a paternidade de s. s.<sup>a</sup>

P. S. Por interesse proprio publicamos, com todo o prazer, a declaração do snr. Alberto Estanislau.

A Redacção.

**NOTICIARIO.**

Abertura do Lyceu. Apesar da prorrogação das matriculas por mais dez dias, para a adopção da nova refôrma d'instrucção publica, teve lugar ante-hontem, primeiro dia util d'outubro, como ordena o Regulamento dos Lyceus, a abertura solemne do presente anno lectivo de 1872—1873, no Lyceu nacional d'esta cidade.

Por esta occasião, diante da congregação do corpo docente e de numerosissimo concurso d'estudantes, recitou uma brilhante oração escholar o eruditissimo snr. doutor Pereira-Caldas, professor decano do mesmo, e que, na ausencia do ex.<sup>mo</sup> snr. Luiz da Costa Pereira, está exercendo o cargo de reitor. S. ex.<sup>a</sup>, em linguagem de sabôr classico, incitou ao estudo os numerosos alumnos que o ouviram, mostrando-lhes as amplidões luminosas que se rasgavam diante d'elles.

Eminentemente liberal e patriota, o snr. doutor Pereira-Caldas, demonstrando ao mesmo passo mais uma vez a sua vastissima erudição e os seus variados e profusos conhecimentos em todos os ramos do saber humano, reivindicou para Portugal, com a indicação de modelos e o testemunho de datas authenticas, a gloria de prioridade, de que justa e orgulhosamente se ufana, em muitas descobertas, invenções e emprezas scientificas e litterarias. Fallando de litteratura patria, e enumerando a longa serie dos seus monumentos mais famosos, em cada um dos seculos litterarios, o distincto orador disse ser a nossa uma das mais ricas e sobresalientes; e provou, por ultimo, que, não obstante o abatimento apathico em que parece decahido esse velho venerando, por quem pelejaram os Affonsos, os Albuquerque e os Castros, o fogo do genio ainda lhe scintilla no cerebro, e que, se não vae como outr'ora na vanguarda, caminha hoje a par das nações cultas da Europa.

Terminou s. ex.<sup>a</sup> o seu discurso confirmando ser este o seculo das luzes, e instigando os paladinos do estudo a seguirem os carros ovantes da civilização do progresso.

Gostamos de ouvir s. ex.<sup>a</sup>, que, com aquella emphase que lhe é peculiar, soube fazer retinir no cerebro de todos os ouvintes cada uma das suas palavras.

O snr. doutor Pereira-Caldas mandou imprimir a sua oração para generosamente obsequiar os seus amigos. É digna de lêr-se.

Agradecemos ao abalisado auctor e nosso prestimoso amigo os dois exemplares com que nos brindou.



Falleceu, no dia 27, repentinamente o snr. conego Motta. A' sua inconsolavel familia manifestamos os nossos pezames.

Acha-se na convalescencia o snr. dr. Antonio Brandão nosso distincto conterraneo. Que o Altissimo se digne restabelecer o mui brevemente eis os nossos votos.

Agradecemos aos seus authores o seguinte livro, que nos fizeram a honra de enviar: «Os redactores da *Justiça de Guimarães* e o juiz de Direito F. H. de Souza Secco».

Lemos já algumas paginas e deprehendemos da sua leitura que, á parte, talvez, algum exagero, o snr. Souza Secco tem culpas gravissimas no cartorio. De novo tornamos a agradecer a fineza dos redactores da *Justiça de Guimarães*.

O *Futuro* que se apresenta na arena jornalística com ares de mestre erudito; o *Futuro*, folha politico-religiosa, que, com uma só palavra, desfaz qualquer nó gordio que por ahi appareça; o *Futuro*, órgão d'um partido numerosissimo, que, até hoje, tem respondido com a mudez dos sepulchros ás nossas accusações, ha-de moderar um pouco o seu modo de viver para nos elucidar sobre algumas duvidas que perturbam o nosso espirito.

Diga-nos o *Futuro*: o casamento d'um fiel com uma infiel será licito? Por hoje faremos só esta pergunta ao *Futuro*; esperando, desde já, que o insultador da familia real responderá cathegoricamente aos seus humildes discipulos.

O doutor das *Novidades*, exprimindo-se a respeito do famigerado jantar, falla com toda a desfaçatez na sua illustre pessoa de *antes quebrar que torcer*, e acaba por mimosear-se com o titulo (?) pomposo de doutor. Que nós lhe chamemos doutor, vá; mas que elle, o bacharel deploravel, se appellida assim, isso só pela arte de *berliques e berloques*.

Este doutor ha-de morrer tonto, e, o que é mais, sem jubilar-se.

Certo individuo *honrado*, mas falto de dinheiro, (o escangalha violas) querendo comprar uma teia de panno de linho, dirigiu-se a uma mulher que o vendia; viu, examinou minuciosamente e, accordando no preço, disse-lhe: Este panno é para um snr. revd.<sup>o</sup> que está a confessar nos claustros da Sé, e por isso faça o favor de me acompanhar para receber o dinheiro.

Crente a mulher nas boas palavras do cidadão, acompanha-o e chegando ao local indicado, espera um pouco enquanto que elle vai dizer ao ouvido do revd.<sup>o</sup> que aquella creaturinha (indicando a mulher do panno) tinha grandes desejos de que elle a onvisse de confissão, o que lhe pedia por muito favor. O revd.<sup>o</sup> fez signal á mulher para que esperasse, o que ella fez; e, entretanto, o comprador, acreditado, retirou-se mui socegado da sua vida, levando consigo o panno.

Assim que o padre acabou de confessar duas mulheres, chamou a do panno, ordenando-lhe que se ajoelhasse, fizesse o signal da cruz e o acto de contrição. A mulher admirada redarguiu: Senhor! eu não me quero confessar, mas sim que me pague aquella teia de panno que lhe vendi.

O padre indigna-se, a mulher chora e conta a historia toda; ma afinal vai-se embora, simplesmente, com o salutar conselho — de paciencia — que recebeu em paga do panno que

industriosamente lhe foi roubado pelo tal *honrado* escangalha violas.

IMAGINAÇÃO.

A imaginação pinta, o espirito compara, o gosto escolhe, o talento executa.

Uma imaginação bem regulada é para a alma, o que o bom regimen é para o corpo.

A imaginação é o recreio dos moços, como a reflexão é a consolação dos velhos.

A natureza tem limites, a imaginação não os tem.

A imaginação vai sempre mais longe, que a realidade.

A imaginação é uma paiz vastissimo. Aquelle que o percorre facilmente se perde, se a rasão lhe não serve de guia.

A. M. G. F.

Publicamos hoje a seguinte charada, que nos enviou um nosso amigo para servir de brinquito aos mais vaidosos charadistas.

Recebemos tambem «Os guerrilheiros da morte — romance de P. Chagas, para ser offerecido ao que, no espaço de 3 dias, nos enviar, á typographia dos snrs. Gouveias, a decifração da charada.

CHARADA

Posta a premio para os snrs. charadistas de nome e de Braga.

Para triplice me alcançar ha-de o estudante suar — 1

Adverbio e verbo sendo n'uma epocha passada, hoje, vindo acompanhada, uma syllaba sem receio vou fazendo — 1

Querendo-vos poupar trabalho enorme, en dou-vos o conceito: é bicho americano. *insano* *C.*

AGRADECIMENTOS

João Marcos d'Araujo Ribeiro, e suas irmãs D. Maria Magdalena Ribeiro d'Araujo e D. Josefa Rosa Ribeiro d'Araujo, não lhes sendo possível ir pessoalmente, como desejavam, agradecer a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião da morte de sua extremosa e sempre chorada mãe D. Gertrudes Umbelina Pereira d'Araujo, e aos srs. capellão e coreiros da Misericordia, e mais ecclesiasticos que assistiram ao seu officio funebre e celebraram missa por sua alma, o fazem por este meio, protestando-lhes sua eterna gratidão.

Germano Joaquim Barreto, sumamente penhorado para com os illm.<sup>os</sup> e exm.<sup>os</sup> snrs. e revd.<sup>os</sup> sacerdotes que o cumprimentaram pela occasião do fallecimento de sua presada filha Maria da Graça Barreto, e assistiram ao seu funeral na igreja do Carmo, a todos e a cada um em particular, protesta o mais intimo reconhecimento. (8)

ANNUNCIOS.

CAFE' AGUIA D'OURO.

No proximo domingo abre-se o novo café—AGUIA D'OURO, sito na esquina da rua das Aguas. O pu-

blico encontrará n'este novo estabelecimento varias bebidas e todas de excellentes qualidades. (10)

O proprietario do Café — AGUIA D'OURO — tem para vender um bilhar, mezas, e varios objectos pertencentes a botequim.

Quem quizer comprar alguns d'estes objectos póde dirigir-se a casa do mesmo, na rua das Aguas. (11)

LIVRARIA DE EUGENIO CHARDRON

Largo de S. Francisco n.º 4 — Braga.

Encontra-se á venda na dita livraria todos os compendios adoptados no lyceu nacional de Braga, bem como todas as novas publicações. (9)

LECCIONAMENTO DE FRANCEZ.

João José Alves d'Araujo, morador na rua das Agoas, n.º 102, achando-se habilitado pela sua longa estada em França e assiduo estudo, para leccionar francez, annuncia que, por modico estipendio mensal, começará o seu leccionamento no dia 1.º d'Outubro, promettendo desde já habilitar sufficientemente os seus leccionados para o exame final. (7)

Arrenda-se parte da casa do campo de D. Luiz, n.º 37; quem a pertender, falle na mesma com Joaquim José Gonçalves Loureiro. (6)

ARMAZEM DE VINHOS DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA POUCA.

Rua do Souto n.º 15. BRAGA.

Acaba de ser sortido este armazem com as seguintes qualidades de vinhos engarrafados e aquartilhados: ENGARRAFADOS

Vinho tinto de meza	150
» » »	190
» Lagrima	200
» Branco de meza	210
» tinto de meza fino	270
» de prova secca	300
» Malvasia de 2. <sup>a</sup>	360
» » velho	400
» Bastardo	500
» Moscatel	500
» Malvasia	500
» Roncão	700
» Alvaralhão	560
» Velho de 1854	600

A RETALHO

Vinho para meza 40 e 80, o quartilho tinto e 120 o branco.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico.

N'estes preços não fica incluido o valor da garrafa que o comprador apresentará ou pagará 40 reis por cada uma. (8)

Este jornal está habilitado.

BRAGA: — Typ. de D. G. Gouvea.

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

EUGENIO CHARDRON

LARGO DE S. FRANCISCO-BRAGA.

PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

Dias Ferreira—Codigo Civil Portuguez, annotado, 2 vol., 8.º	4\$00
Ribeiro e Vilhena—O Caso Julgado e os documentos particulares segundo o Codigo Civil, 1 vol.	600
Forjaz—Projecto do Codigo de Commercio, 1 vol.	800
Innocencio de S. Duarte—Arestos—As nullidades do Processo, 1 vol.	1\$000
O Guarda Livros Portuense, 1 vol	800
Lapa—Technologia rural, 3 vol.	3\$700
O Cosinheiro dos Cosinheiros, 1 v.	1\$000
Almanak do Cosinheiro—1 vol.	240
Pontos para o curso de portuguez, segundo o programma official.	240
Carvalho—Corographia Portugueza, 2. <sup>a</sup> edição, 3 vol. em 1.º	4\$000
Pinheiro Chagas—Historia de Portugal, 7 vol.	7\$000
A Conspiração de Pernambuco.	500
Smith—Memorias do Marquez de Pombal, traduzidas por Fouseca e Castro, 1 volume.	1\$200
Brito Aranha—Memorias historico-estaticas.	700
Vasconcellos—Os Musicos Portuguezes, 2 volumes.	2\$400
Freitas Junior—A Revolução Social	300
Candido de Figueiredo—A Liberdade de Industria.	300
O Municipio e a Descentralisação.	200
Villas Boas—Os Papas dos tempos modernos.	600
Barão d'Holbach—A verdadeira interpretação do systema da natureza.	300
Padre...—O Confessor.	500
Marquez—Certeza do fim proximo do mundo.	200

Eurique—Vozes propheticas ou apparicões e predicções.	250
Palestras Familiares sobre o protestantismo de hoje em defeza do catholicismo.	200
Cezar Machado—Da loucura e das manias em Portugal.	500
Quadro do campo e da cidade.	500
Camillo C. Branco—O Inferno.	500
Quatro horas innocentes.	500
Magalhães Lima—Miniaturas romanticas, 1 volume.	500
E. P. de Almeida—Olympia.	400
Ramalho Ortigão—Em Pariz.	500
Luiz d'Araujo—Novo Almocreve das Petas, 2 volumes.	1\$000
Fernandez, Historia dos sete morcegos	660
Ponson du Terrail—O grilo do moinho.	400
Lobato—Os Fidalgos do Coração de Ouro, 2 volumes.	400
Alberto Estanislau—A Condemnada, drama.	240
Alfredo Campos—Um Livro Intimo.	200
A felicidade pela familia.	100
João de Deus—Ramo de flôres.	300
Tito de Noronha—Passeios e digressões.	400
Belot e Dantim—Memorias de um caixeiro ou um drama da vida commercial.	600
F. Soulié—Os dous cadaveres.	500
D. Antonio da Costa—José de Castilho o heroe do Mondego.	600
Arnaldo Gama—O Balio de Leça.	500
Reynolds, Dramas de Londres, 8 v.	3\$200
Augusto Cezar—O Engeitado, 1 vol.	300
Encyclopedia litteraria.	300

Satisfaz com brevidade qualquer pedido de livros portuguezes e estrangeiros.